

DA HUMANIZAÇÃO DOS HOMINÍDEOS AOS HOMENS ATUAIS

Paola Cometti Forechi Schmittel (paola.0312@gmail.com)

Aluna do curso de Psicologia na FAACZ

Fernanda Silva de Almeida Resende (fernanda.silva@fsjb.edu.br)

Professora da FAACZ

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma análise crítica a partir de obra cinematográfica ‘AO, o último neandertal’ (AO, 2010), com o objetivo de investigar o processo de humanização da espécie *Homo*, apreciando a interação das espécies de hominídeos *Homo neanderthalensis* e *Homo sapiens*. A produção mostra a trajetória de ‘AO’, um Neandertal, que perde todo seu clã e decide voltar ao local onde nasceu, encontrando-se com “AKI”, uma *Homo sapiens* prestes a dar à luz a sua filha. A análise propõe a apresentação da sinopse de filme agregada a um breve resumo histórico desses hominídeos, evidenciando sua evolução. Utilizando a pesquisa bibliográfica, dissertaremos¹ com base nos artigos (estudos desses ancestrais do homem moderno) de Harari (2015), Andrade, Silva e Passos (2007) e Marciani (2014), o processo de humanização da espécie *Homo*, relacionando com o homem contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Humanização, *Homo neanderthalensis*, *Homo sapiens*.

1 – INTRODUÇÃO

A produção francesa dirigida por Jacques Malaterre², ‘AO, o último neandertal’ (AO, 2010), retrata a transição do período Paleolítico Médio para o Paleolítico Superior, quando se deu o desaparecimento do *Homo neanderthalensis* (chamaremos de *neanderthais* ou HN) e, num correlato, o aparecimento do primeiros *Homo sapiens* (chamaremos de *sapiens* ou HS). Com a interpretação fascinante dos atores Aruna Shields (Aki) e Simon Paul Sutton (Ao), o enredo é baseado na questão que intriga os paleontólogos e historiadores: afinal, como aconteceu o desaparecimento do *Homo neanderthalensis*?

Várias são as hipóteses apresentadas pelos pesquisadores com o objetivo que explicar o fim da espécie hominídea *neanderthais*, como: a alteração climática no Sul da Europa, onde viviam; epidemias causadas pela aproximação com outras espécies de hominídeos; mistura genética entre os hominídeos causando a infertilidade nas fêmeas; e a mais considerada, o genocídio dos *neanderthais*, motivada pelas disputas entre eles e outros da espécie *Homo*, como os *Homo cro-magnon*³ e os *sapiens*. Motivado pela causa do extermínio dos *neanderthais*, o enredo do filme aproxima duas espécies distintas na busca de um único propósito, a sobrevivência.

A fim de compreender o processo de humanização da espécie *Homo*, vamos entender melhor o enredo do filme ‘AO, o último neandertal’ (AO, 2010), depois cotejar com as pesquisas de Andrade, Silva e Passos (2007), que propõe “mostrar que o humano do ser humano é mais o resultado de um devir do que o apogeu

¹ Utiliza-se neste trabalho o verbo na terceira pessoa do plural, pois acredita-se que este é produto da dinâmica polifônica, materializada por meio da escrita. Desta forma, não apenas o autor escreve, mas todas as vozes que o constitui produzindo sentidos na construção do texto.

² Jacques Malaterre é um cineasta e diretor de cinema francês, dirigiu as produções “Uma Odisséia de Espécies” (*A Species Odyssey*), *Homo sapiens* e A ascensão do homem (*The Rise of Man*), todos dedicados à pré-história e à evolução humana.

³ *Homo cro-magnon* é uma espécie de hominídeo da mesma linhagem do *Homo Sapiens* e contemporâneo do *Homo neanderthalensis*. A teoria mais aceita na Antropologia, anteriormente, era que ocorreu um encontro entre os *neanderthais* e os homens de *Cro-Magnon* há cerca de 40 mil anos. Eles teriam entrado em um conflito que durou cerca de 10 mil anos que, por fim, acarretou o extermínio dos *neanderthais* (VERNOT, 2014).

de um acabamento biológico capturado e engessado por uma concepção tipológica de espécie” (p.178), e de Marciani (2014), analisando as aspectos de transição entre esses períodos da história do planeta, “observando as dinâmicas de natureza biológica, cultural e cognitivo/simbólica que marcaram com particular ênfase aos aspectos evolutivos entre às espécies *Homo neanderthalensis* - *Homo sapiens*” (p. 190).

Destarte, observando os aspectos biológicos, culturais e cognitivo/simbólico do ‘Ao’ e da ‘Aki’, buscamos analisar o processo de humanização da espécie *Homo*, considerando esse movimento, um objeto de estudo para as áreas das Ciências Humanas, no nosso caso, a Psicologia. Para tal, iniciamos com a síntese da saga epopeia de ‘Ao’, narrada em francês pelos próprios personagens. Em seguida, abordaremos as pesquisas citadas cotejando com as partes do filme. Por fim, confrontaremos nossas análises com o homem contemporâneo a sua humanidade.

2 – O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE AS DIFERENÇAS ENTRE OS SAPIENS E OS NEANDERTHAIS

De acordo com Marciani (2014), no século passado, os pesquisadores acreditavam que os HN eram “um elo perdido, uma forma intermediária entre o homem e os primatas” (p.191). Atualmente, acredita-se que os neandertais fazem parte de outra espécie de *Homo* devido a três fatores: “isolamento geográfico, alterações ambientais e considerável variedade genética (STRINGER; GAMBLE, 1993 apud MARCIANI, 2014, p. 191)”. Em 2010 foram publicados estudos genéticos, após o mapearem ossos de *neandertais*, onde “revelou-se que de 1% a 4% do DNA das populações modernas no Oriente Médio e na Europa são DNA de neandertal” (HARARI, 2014, p.18). Considerando todos os argumentos científicos aqui expostos, trataremos o *Homo neanderthalensis* como um primo da família *Homo Sapiens*.

Estima-se que os *neandertais* viveram no planeta entre 500 mil anos AP (antes do presente) à 28 mil anos AP. O primeiro indivíduo dessa espécie encontrada foi no Vale de Neander, Alemanha. De acordo com achados arqueológicos, os neandertais viveram na Europa, antiga Euroásia, por longos 30 mil anos. Já os *Homo Sapiens*, com aparecimento datado de aprox. 200 mil AP, são originários do continente africano. A partir de 70 mil AT, os sapiens desbravaram o continente asiático e a Europa, deslocando-se em grupos com dezenas de indivíduos, portando seus artefatos (arcos e flechas, roupas quentes, estátuas), os primeiros objetos que datam o início de uma cultura. Já os *neandertais* viviam em pequenos clãs, construindo seus instrumentos de caça e coleta de alimentos com materiais encontrados no local, como vimos no início do filme, onde ‘Ao’ aparece em uma caverna com alguns poucos HN, entre machos, fêmeas e sua filha recém-nascida, ‘Neo’.

Os sapiens criavam estratégias para dominar a conduta dos animais, por meio da cooperação do grupo de indivíduos. Desta forma, compreende-se que há uma dinâmica relacional própria do modo de viver do humano⁴ presente em nossos ancestrais. No filme, percebemos que ‘Aki’, uma *sapiens*, ensina ‘Ao’ a usar uma arma de caça, criando assim um laço de cooperação e sociabilidade. Os instrumentos que os *neandertais* utilizavam, eram feitos de pedra, como um machado, e para capturar uma caça, era preciso se aproximar do animal. Desta forma, ele só poderia alimentar-se da caça de pequenos animais e coleta de plantas que circuncidava o local onde vivia o clã.

De fato, as dissemelhanças entre as duas espécies são esclarecidas por vários pesquisadores. Contudo, consideramos Marciani (2013) quando apresenta suas análises sobre a dinâmicas de natureza biológica, cultural e cognitivo/simbólica que marcaram com particular ênfase aos aspectos evolutivos entre às espécies *neanderthalensis* e *sapiens*. Para a autora, o fato dos *neanderthalensis* serem biologicamente diferentes dos sapiens, principalmente no que se refere ao tamanho de crânio, não nos leva a pensar que o pensamento

⁴ É importante esclarecer que a palavra ‘humano’ vem de animal pertencente ao gênero *Homo*, e antes havia várias outras espécies de homínídeos desse gênero além do *Homo sapiens* (HARARI, 2015, p. 8). Assim, para melhor descreve-los usaremos o termo ‘sapiens’ ou a sigla ‘HS’ para designar membros da espécie *Homo sapiens*, ao mesmo tempo que usaremos o termo ‘humano’ para nos referir aos *Homo sapiens* contemporâneo, no caso todos nós. Já os para caracterizar os *Homo neanderthalensis* usaremos o termo neandertais ou a sigla HN.

abstrato não ocorreu nos *neanderthalensis*. Ela discorda que eles seriam apenas brutos e violentos, incapazes de produzir cultura, quanto diz que

[...] o *H. Neanderthalensis* deixou evidência de alta capacidade cognitiva, e habilidade prática e sinais de comportamentos sociais complexos, onde a criação imagética de um protótipo "primitivo" correspondente à ideia preconcebida do Neandertal como bruto violento e sem imaginação não é condizente. É provável que o homem de Neandertal tivesse uma alta complexidade conceitual, mas diferente do que temos hoje. Isso explicaria a nossa profunda dificuldade em sermos capazes de mergulhar na mente de uma espécie diferente da nossa e de interpretar seu mundo. (MARCIANI, 2014, p.17-18).

Marciani (2013) faz tal afirmação com base em achados de instrumentos musicais e descobertas artísticas atribuídas aos *neanderthalensis*, e a forma como enterravam seus mortos, com rituais. Percebe-se que são envoltos por um significado simbólico, por uma memória coletiva. É difícil compreender essas duas espécies tão distintas do que somos hoje. Contudo, ao observar 'Ao' e 'Aki', veremos que há bastante divergência entre nós e eles.

3 – DO HOMINÍDEO AO HOMEM – A RELAÇÃO ENTRE OS HOMINÍDEOS PERCEBIDA NO ENREDO DO FILME QUE FORJA A HUMANIZAÇÃO

Na perspectiva de Andrade, Silva e Passos (2007), a sociabilidade entre 'Ao' e 'Aki', apresentada no enredo do filme, não seria possível, pois precisaria romper várias barreiras, como o dimorfismo sexual, afetividade, cooperação e a linguagem. Contudo, 'Ao' e 'Aki' constroem essa sociabilidade rompendo esses obstáculos, por meio da aceitação do outro diferente, do 'amor', da convivência e da compreensão. Essa relação é um rascunho da humanização do homem. Ao iniciar o diálogo sobre a humanização, precisamos compreender cada um dos obstáculos que os personagens precisaram transpor afim de terem uma relação social.

O primeiro desafio relacional superado por eles foi o dimorfismo sexual que existia entre essas distintas espécies de homo. Desde o início do filme, percebemos que 'Ao' é rejeitado por 'Aki', que o trata com repúdio e desprezo. Para Andrade, Silva e Passos (2007), a diferença corporal entre a fêmea e o macho da mesma espécie aumenta e competição entre os machos. Contudo, quando maior a semelhança física entre os dois, mais provável que as fêmeas se "tornassem mais receptivas sexualmente aos machos, independentemente do período fértil", e assim possam ter estabelecido "um comportamento mais cooperativo entre ambos" (p.184).

Vejamos que o dimorfismo sexual é uma herança primitiva dos hominídeos. É evidente que hoje não reconhecamos uma diferença tão marcante, fisicamente, entre os seres humanos como havia entre os *neanderthais* e os sapiens. Contudo, vejamos que muitas mulheres vivem sob o véu do patriarcado, sendo subjugadas a assumirem papéis femininos, traçados por uma sociedade onde o macho é o soberano e todos os outros são submetidos as suas demandas. O filme é narrado pelos personagens, assim, destacamos uma fala de 'Ao', quando é banido do grupo que aceitou 'Aki': "Você (Neo) vive em outro lugar, onde o homem não teme o desconhecido" (AO, 2010). Percebemos que o enredo acentua o dualismo entre as espécies de homo, onde o sapiens é apresentado como uma espécie intolerante e preconceituosa. Por que tal reação dos sapiens nos parece tão atual?

Talvez, o genocídio dos *neanderthais* tenha sido causado pelo dualismo que havia em nossos ancestrais. Atualmente, o mundo sofre com vários tipos de antagonismo: religioso, de gênero, político. O dualismo religioso é responsável por 'guerras santas' que tiram tantas vidas. O dualismo de gênero, onde o homem não aceita que as mulheres ocupem as mesmas posições sociais que os homens. O dualismo político que divide países entre grupos de direita e de esquerda, que lutam pelo bem comum de seu grupo sem se importar com a coletividade. A intolerância e o preconceito são sentimentos milenares, que parecem não ter acompanhado a evolução do homem, ou talvez pode ter sido piorado com o passar do tempo.

Vejamos que 'Ao' e 'Aki' superam o obstáculo do dimorfismo sexual e da aceitação do outro, quando demonstram afetividade. O penúltimo obstáculo relatado pelos autores que levam a sociabilidade é a

cooperatividade. Quanto a esse aspecto, percebemos na cena em que ‘Ao’ vê ‘Aki’ sem leite para dá a sua filha e apreende uma égua para amamentar ‘Wana’. Neste momento, vemos que o macho primitivo poderia delegar a fêmea a responsabilidade de amamentar a prole, sendo possível até mesmo ‘Aki’ ser castigada por deixar a criança com fome. Neste caso, vejamos que a atitude de ‘Ao’ foi de procurar recursos para sustentar e proteger a criança que ela ama. Quanto a isso, vejamos que

Alguns antropólogos argumentam que a cooperação deve ter sido importante não só para a coesão e sociabilidade do grupo, mas também como defesa contra predadores ou mesmo contra grupos rivais. Outra atividade complexa, que deve ter envolvido uma mudança organizacional centrada na sociabilidade e na recursividade dos encontros, deve ter sido aquela produzida pela construção e utilização de abrigos coletivos. Se acrescentarmos a esses abrigos o conforto gerado com o domínio do fogo - aquecimento, possibilidade de um sono ininterrupto, preparação da carne e o seu compartilhamento – a convivência e a sociabilidade deve ter sido muito intensificada. O fogo criou o lar, este espaço de convivência onde ocorriam o partilhar de alimentos, a elaboração de ferramentas de pedra, a proteção mútua, as relações sexuais e todo um sistema complexo de reciprocidade e cooperação. (ANDRADE; SILVA; PASSOS, 2007, p.184)

A cooperação é um favor primordial para a humanidade. Vejamos que ‘Aki’ se relaciona sexualmente com ‘Ao’ somente quando percebe que ele cuida dela, assim como ela cuidou dele quando esteve doente. É uma relação de cooperação também encontrada em outros seres vivos, como os macacos que alimentam a prole de outros de sua espécie. Porém, no caso de ‘Ao’, ele foi em busca de um recurso para alimentar a criança, levado por seu sentimento amoroso por ‘Aki’ e ‘Wana’. Esta cooperação é a base de um grupo familiar, onde os componentes se ajudam mutuamente na busca da proteção e sustento. Quando esses membros aceitam suas diferenças e são afetivos uns com os outros, poderão estabelecer um diálogo, uma conversação, um enunciado, a linguagem. Para Volochinóv, “a linguagem é o produto da atividade humana coletiva e reflete em todas os seus elementos” (2013, p. 141). Então, observamos que a linguagem é produto da coletividade, ou seja, para a interação entre os sujeitos é constituído de linguagem. Sendo assim, o homo sapiens necessita da linguagem, do diálogo para se constituir ser humano.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A humanidade do homem surge na sociabilidade, interação entre sujeitos que aceitam o outro (o diferente), que são empáticos (afetuosos), que cooperam entre si, criando assim o produto dessa atividade coletiva do homem: a linguagem. No filme, percebemos que a convivência entre ‘Ao’ e ‘Aki’, favoreceu o surgimento desse produto que definiu a evolução cognitiva do homo sapiens, a linguagem. Consideramos que os personagens nos ajudam a compreender por meio da sociabilidade, da interação social, da linguagem o ser humano produz uma cultura e sua história.

Quando ‘Aki’ pinta a mão com tinta produzida pelo seu próprio cuspe e imprimir em uma pedra, marca sua passagem por aquele local. O mesmo faz ‘Ao’ quando transforma um osso em instrumento musical. São experiências que serão transmitidas e aperfeiçoadas por gerações. São experiências imaginadas por esses sujeitos e constituídas por meio da linguagem em cultura. É por meio da expressão humanas, dos enunciados que apontamos a cultura de um povo, e está é transformada pela linguagem.

As culturas nunca cessam de se transformar e se desenvolver, e essas inúmeras transformações são denominadas de história. A humanização do ser humano inicia-se no momento em que esse constitui-se de linguagem e começa a produzir cultura. Harari (2015) denomina esse momento da história humana de “Revolução cognitiva”, onde o homo sapiens declara sua independência biológica das outras espécies.

Contudo, se recapitularmos a sequência de nossa linha de pensamento, afirmaremos que para se tornar um ser humano humanizado é necessário que o homo sapiens se reconheça pertencente a uma espécie caracterizada por sua diversidade. Outro aspecto seria que vivêssemos amorosamente, ou melhor dizendo, com alteridade e empatia, promovendo a cooperação entre os diversos membros dessa sociedade. E por fim, é imprescindível o diálogo aberto entre os seres humanos, possibilitando a construção de novas culturas e novos mundos.

Com base nos argumentos explorados no texto, é possível deduzir que os *neanderthais* sumiram da Terra pelas mãos dos *homo sapiens*, que dominou o planeta devido sua cognição superior as outras espécies homo. Contudo, seria óbvio que, os *homo sapiens* sendo pertencentes a mesma espécie, convivessem entre si, de forma respeitosa e equilibrada em sua casa comum: o planeta.

Por ora, completamos nosso diálogo percebendo a fragilidade dos *homo sapiens*, ao observar um fato atual de nossa história. Dissertamos esse texto em plena pandemia causada por um vírus altamente infeccioso, o COVID-19, um ser unicelular invisível que pode dizimar 1/3 da população humano do planeta. Visto essa realidade, nos questionamos como é possível uma espécie unicelular ser capaz de vulnerabilizar os seres que dominaram o planeta?

Para os epidemiologistas, o COVID-19 é melhor combatido por meio do isolamento social, que por sua vez causa outros impactos sociais como o enfraquecimento econômico, a desigualdade social, além de implicações psicológicas na população. Contudo, em meio a essa pandemia, alguns países ainda negam a necessidade da prevenção com o apoio de seus governantes, decorrendo que muitos infectados e um alto índice de morte. Visto isso, é necessário fazermos algumas indagações: será que erramos na empatia, não aceitando o outro, sem olhar o outro recolhendo sua história e sua origem? Será que erramos no afeto, não sendo capaz de se emocionar, de se tocar pela necessidade alheia, sendo insensíveis com a dor do próximo? Será que erramos na falta de cooperação, sendo egoístas e narcisista, olhando apenas para o meu espelho? Será que faltou diálogo nas divergências, capaz de constituir uma interação social saudável, ética e respeitosa?

Após analisar a trajetória de 'Ao', o último *neanderthal* e tentar compreender as divergências dos *homo sapiens* e do *homo neanderthalisins*, concluímos nosso diálogo considerando que, talvez, o homem contemporânea (no caso, nós) necessita estudar, pesquisar, observar esses hominídeos, sua história e sua cultura, disposto a aprender com suas experiências e, se possível observar como se deu o aparecimento e o desaparecimento dessas espécies. Quem sabe, tais averiguações possam nos dá pistas de como não reproduzir essa mesma história.

7 – REFERÊNCIAS

1. ANDRADE, Luiz Antonio Botelho; DA SILVA, Edson Pereira; PASSOS, Eduardo. O que é ser humano? **Ciências & Cognição**, v. 12, 2007. Disponível em: <<http://cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/636>> Acesso em: 28 de mar. 2020.
2. AO, o último neandertal (Ao, le Denier Néandertal). Direção: Jacques Malaterre. Produção: Yes Marmion. França: UCG, 2010 (84 min), son, color, legenda português. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ursf4fZLCJQ>> Acesso em: 28 de mar. 2020.
3. HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. L&PM, 2015.
4. MARCIANI, Giulia. O contato entre o Homo Neandertalensis e o Homo Sapiens: dados paleoantropológicos, genéticos e arqueológicos. **Revista de Iniciação Científica**, v. 11, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/iniciacaocientifica/article/view/1634>> Acesso em: 28 de mar. 2020.
5. VERNOT, Benjamin; AKEY, Joshua M. Resurrecting surviving Neandertal lineages from modern human genomes. **Science**, v. 343, n. 6174, p. 1017-1021, 2014. Disponível em: <<https://science.sciencemag.org/content/343/6174/1017>> Acesso em: 28 de mar. 2020.
6. VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.